Dom Cappio, Dom Aloisio: mudanças na Igreja do Brasil

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Passaram as festas, os foguetes, a comilança. O país volta à realidade, provisoriamente, é verdade, já que tudo só começa realmente após o carnaval. Em todo caso, para mim o ano começou. E vejo então a oportunidade de escrever aqui sobre um assunto que para muitos já passou, mas não para os que cremos e esperamos em outro mundo possível.

Aparentemente o bispo de Barra, dom Luis Flavio Cappio, saiu derrotado do jejum no qual se lançou em protesto contra a transposição do rio São Francisco. Interrompeu seu jejum e não teve suas reivindicações atendidas. Entretanto, seu gesto teve alcance que foi muito além deste embate com o governo que o venceu pela recalcitrante negativa em cumprir o acordo com ele lavrado há dois anos atrás. A vitória do bispo realmente se deu na esperança que logrou reacender em muitos corações.

Em 1975 eu era uma jovem estudante de comunicação social da PUC-Rio. Convidada para integrar o setor de comunicação da CNBB que nessa época funcionava no Rio, descobri ali uma Igreja com novo rosto,

diferente da que conhecia. Igreja profética e corajosa, que tinha à sua frente gigantescas figuras como Dom Ivo e Dom Aluísio Lorscheiter que em meio à sangrenta ditadura militar que tomava conta do Brasil eram as únicas vozes que se levantavam para denunciar os abusos acontecidos nos cárceres e porões do DOI-CODI.

Aprendi a amar essa Igreja e, com o intuito de servi-la, mudei o rumo de

minha vida. Deixei a comunicação pela teologia, recomeçando todo um percurso universitário que terminou no doutorado em 1989, entremeado por nascimento de filhos e outras dificuldades menores. Aprendi o que era vibrar com um ideal motivado e alimentado pela fé. Vi, perplexa, jovens mulheres grávidas como eu, refugiadas de países vizinhos como Chile e Argentina, que haviam conhecido a tortura e recebiam agora na sede da CARITAS, por mediação da CNBB, passaporte e passagem para o exílio que lhes salvaria a vida.

Entendi nesse momento que a fé não se resume a rituais e celebrações respaldando um bom comportamento que se dá meramente a nível pessoal e privado. Mas implica um compromisso público, que ganhe as ruas e as praças, gerando testemunhos que falem forte mesmo com o risco da própria vida. A teologia que estudava fundamentava tudo isso e todos nós, jovens teólogos, sentíamos dentro o desafio de, com nossa reflexão , ajudar humildemente a mudar o mundo, para fazê-lo mais de acordo ao sonho do Criador, com justiça e equidade para todos.

Muito tempo passou desde então e muitos embates foram travados por aquela geração de bispos e teólogos. Mudou a configuração do mundo. O sonho do socialismo real ruiu fragorosamente, as utopias esfacelaram-se em mil pedaços. O processo de secularização avançou e novas propostas religiosas encheram o cenário. Não era possível seguir com o mesmo discurso e havia que encontrar palavras novas para dizer a Boa Notícia do Evangelho de maneira que fosse atrativa para as novas gerações.

No entanto, em muitos de nós, que viveram aqueles tempos aguerridos, teimava em permanecer uma pequena dor nostálgica no fundo do coração. Onde estaria o profetismo que nos arrebatava, o ideal que nos fazia estremecer de desejo e que nos dizia que o testemunho era mais importante que todos os discursos?

Eis que a figura de Dom Cappio surgiu e veio de encontro a nossos sonhos e saudades. Com seu gesto e sua luta, abriu um debate que não se fechou com o fim de seu jejum. Mostrou à nossa geração e sobretudo às novas, que a luta pela justiça continua, agora acrescida pelo elemento da ecologia. Sua entrega pela preservação do rio que é condição de vida para tantos, dá disso testemunho.

Neste começo de ano, não posso deixar de agradecer a esse bispo que nos mostrou novamente o rosto de uma Igreja que parecia perdida no passado. E nos assinalou o caminho para a continuação, em nova clave, de uma luta que não poderá terminar enquanto ainda houver uma partícula de injustiça sobre a terra. Na figura do bispo de Barra reencontramos a palavra do Evangelho que diz que do seio daquele que crê brotarão rios de água viva. Por essa água que nos desaltera e faz viver agradecemos, humilde e consoladamente. Ao lado disso, vivemos a morte de Dom Aloisio Lorscheiter. Em um só ano perdemos Dom Ivo Lorscheiter, Dom Luciano Mendes de Almeida e agora, em dezembro último, Dom Aloísio Lorscheiter. É toda uma geração de bispos que deu à Igreja do Brasil um nome respeitado no mundo inteiro que se vai, deixando-nos saudosos e algo nostálgicos.

Conheci dom Aloísio nos idos dos anos 70, quando trabalhava na CNBB. Ele era presidente da Conferencia e Dom Ivo secretário. Bem diferentes os dois primos, embora irmanados em comunhão de ideais e linhas de trabalho. Enquanto Dom Ivo transpirava vigor por todos os poros, inclusive por sua alentada estatura e o tom da voz, Dom Aloísio sempre foi a doçura em pessoa. Voz mansa, alegria e sorriso permanente nos lábios, passava semeando paz e bem - o lema de sua espiritualidade franciscana - pelos corredores do casarão da ladeira da Glória, sede da Conferencia.

Apesar de toda essa doçura, não deixava de transmitir e comunicar uma firmeza e um vigor inquebrantáveis. Assim foi que inúmeras vezes sua voz se fez ouvir em defesa dos direitos dos pobres e contra as atrocidades que a tortura cometia nos porões da ditadura militar. Como lembra a nota da OAB por ocasião de sua morte, o período em que presidiu a CNBB corresponde ao mais duro e dramático da luta pela redemocratização do Brasil, na qual teve papel decisivo e atuação da mais transparente coragem. Nesse período ainda promoveu campanha pela reforma agrária e pelo fim dos conflitos no campo. Nessa época, recebeu inúmeras ameaças de morte que sempre enfrentou com notável confiança em Deus. Como arcebispo de Fortaleza, de 1973 a 1995, fez campanha em favor da reforma agrária e pelo fim dos conflitos de terra no estado.

Era, na verdade, um místico. E essa mística, essa intimidade com o mistério que vivia, transparecia em todas as suas atitudes que testemunhavam uma comovente fidelidade ao Evangelho. Talvez o mais notável episódio de sua vida seja o que lhe aconteceu, em 1994, ao inspecionar as condições de um presídio na Grande Fortaleza. Nessa ocasião, foi feito refém pelos detentos, sendo libertado apenas após 18 horas. A Igreja inteira viveu momentos de angústia temendo pelo que pudesse lhe acontecer.

A tudo enfrentou com tranqüilidade e alegria. Quinze dias depois, voltou ao presídio para realizar a cerimônia de lava-pés com os presos. Assim fazendo, dava um testemunho visível e palpável do perdão e do amor sem limites que o próprio Jesus recomendou que fosse vivido por seus discípulos qual novo mandamento: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Realizando esse gesto de humildade e serviço a seus agressores, portou-se como digno filho de São Francisco, testemunhando a perfeita alegria que se mantém viva mesmo em meio às provações e aos sofrimentos.

Doutor em teologia, bispo, cardeal e aventado como possível Papa após a morte de Paulo VI, jamais se viu em sua pessoa nenhum apego aos cargos e honrarias que lhe eram outorgados por sua santidade e competência.

A tudo assumia com a simplicidade e o espírito de pobreza próprios a sua espiritualidade, mostrando ao mundo um estilo de viver o episcopado totalmente na contramão da lógica do poder que domina os grandes desse mundo. Com sua morte, tal como o disseram homens da Igreja e da política brasileira, fica o testemunho e o convite a seguir seu exemplo. Sobrepondo-se ao sentimento de orfandade com sua perda e ausência, desponta a esperança de que outros seguirão seu caminho e novamente fortalecerão os joelhos trêmulos e os ombros vergados dos pobres e oprimidos, ajudando-os a acreditar que sua libertação está próxima.